

UM DIÁLOGO QUALIFICADO: ALGUMAS NOTAS SOBRE O FAZER DA PESQUISA

Luiz Patury*

Resumo

A pesquisa é um caminho natural e ausente de mistérios. Primeiro vem a escolha do assunto ou da questão a ser estudada e depois pela reunião de um grupo de diálogo que nos ajuda não apenas a pensar mas a discorrer de maneira academicamente inteligível e prudente sobre o que nos interessa. É dessa forma que oferecemos nossa compreensão a quem aguarda nossa pesquisa.

Palavras-chave: Conhecimento. Linguagem. Pesquisa. Monografia.

O contato com manuais de técnicas do trabalho científico, como muitos desses livros, sempre me passou a impressão de estar diante de um projeto senão irrealizável, ao menos muito difícil de sê-lo. De leitura árida e não raramente simplória, sem referência a nada de concreto, esses textos sempre me soaram estranhos. E a cada olhadela nesses livros, especialmente quando me encontrava, eu mesmo, diante da tarefa de desenvolver um trabalho de pesquisa, o que precisava fazer para atender aos meus compromissos, parecia-me muito distante daquilo que os manuais normalmente dizem. Por outro lado, as pesquisas que sempre gostei de ler, das quais me utilizo para refletir e aprender a discutir determinado assunto, com elas, percebi que esses trabalhos, as teorias e estratégias que os orientam

* Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Monografia Jurídica da Faculdade de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais (FAJS)/Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

jamais se enquadrariam nos caminhos propostos pelos autodenominados manuais de monografia e ou manuais de técnicas do trabalho científico.

“Puxa vida, mas para que servem esses manuais?”. “Para serem vendidos aos universitários incautos que se vêem obrigados a pesquisar?”. Não existe a pesquisa do manual, há a pesquisa que alguém quer ou precisa fazer, seja lá qual for o motivo. E a pesquisa se constrói, seu modelo se realiza, pela própria pesquisa, ao tempo em que vai sendo delineada. Independentemente do que pensemos sobre ciência, se ela se baseia ou não na busca da verdade, é recorrente, em Epistemologia, discutir sobre a importância da linguagem na construção do conhecimento. Sobre isso, inclusive, não é incomum a repetição impertinente do apelo positivista, de que apenas a linguagem ou os conceitos da ciência seriam capazes de apreender, com objetividade, os fenômenos do mundo. Essa maneira de compreender o trabalho intelectual, cuja finalidade é acadêmica, todavia, paradoxalmente, porque parte do princípio de que é humanamente possível a produção de uma linguagem universal, geral e objetiva na designação e descrição dos objetos do mundo, termina por entender o trabalho da ciência como um conjunto de técnicas de aplicação de conceitos elaborados, universais, gerais e objetivos, buscando apreender, enfim, as regularidades que a natureza e o mundo apresentam, porque são harmônicos. De forma que, grosseiramente, fazer pesquisa, produzir teorias, construir “teses”, significaria a cega obediência a procedimentos pensados como necessários *ex ante* (BERLIN, 1999; RORTY, 2002).

Entretanto, a referência que faço à linguagem difere dessa compreensão que dela tem e que chamo de Positivismo Tosco¹. Nestas notas parece-me que o assunto pode ser resolvido de forma muito mais simples. Em primeiro lugar, não custa nada aceitar uma idéia fortemente ligada à Sociologia — infelizmente para alguns, algo como teimosa — de que não há nada para além da sociedade humana. Desculpem-me os que consideram esta formulação pedante — “para além da sociedade humana”, não é mole! —, mas quero marcar a idéia de que não vejo sentido compreender a linguagem senão como um mecanismo cognitivo construído pelos homens, seja para organizar o mundo, seja para orientá-los em seus caminhos, dar sentido ao que fazem de suas vidas, isso tudo e mais algumas coisas; portanto, uma produção humana, necessariamente social, sob a qual são estabelecidos os limites do dizível e, no limite, do que existe e de como existe (BERGER et al., 1985; FOUREZ, 1995; DURKHEIM, 1995; DURKHEIM, 1999; RORTY, 2002). Partindo desta premissa, que considero absolutamente aceitável, conhecer um assunto, explorar uma questão ou um tema, é um ato que decorre de um processo continuado na construção de uma linguagem

¹ Aqui a expressão “positivismo tosco” refere-se, em primeiro lugar, aos tipos de credo de que o homem, igualmente ao resto da natureza, subjuga-se a leis ou forças que estão para além de sua humanidade. Rorty (2002) entende essa postura pelo termo objetivismo e, com ironia, diz das pessoas que trocam o padre pelo cientista, seis por meia dúzia. Ainda que nem todo positivismo mereça este adjetivo, com Berlin (2002, p. 177) vejo todo positivismo como determinismo, quer “seja científico, seja humanitário e otimista ou furioso, seja apocalíptico ou exultante — todos concordam num ponto: que o mundo possui uma direção e é governado por leis, e que a direção e as leis podem ser em alguma medida descobertas pelo emprego de técnicas apropriadas de investigação; e mais ainda, que o funcionamento dessas leis só pode ser compreendido por aqueles que são consicentes de que as vidas, os caracteres e os atos dos indivíduos, tanto mentais como físicos, são governados por ‘totalidades’ mais amplas as quais pertencem, e que a evolução, independentemente dessas ‘totalidades’ é que constitui as assim chamadas ‘forças’, em função de cuja direção verdadeiramente ‘científica’ (ou ‘filosófica’) a história deve ser formulada”.

adequada que permite, não só comunicar o que se está pensado, como também e, inevitavelmente, termina por mostrar algo da individualidade de quem está pensando (GEETZ, 1989; FOUREZ, 1995; GEERTZ, 1997; RORTY, 2002).

Tentarei traduzir parte por parte. Em primeiro lugar, comunicar. Ora, se queremos estudar uma coisa qualquer, um primeiro passo é admitirmos dúvidas e inseguranças quanto ao que nos interessa. De um lado, isso não quer dizer que só vale a pena a pesquisa sobre o que desconhecemos por completo: isso é absurdo, pois seria o mesmo que admitir a possibilidade, do dia para a noite, de sermos capazes de discorrer sobre os mistérios da Astrofísica — as coisas desta ciência não existem - certamente não fazem sentido para a maioria de nós que nos interessamos pelos fatos sociais dos homens. Não podemos nos esquecer da premissa de que a linguagem é fruto dos contextos dos quais participamos. Por outro lado, não vale a idéia de que só falo do que conheço. O fazer esse conhecimento que muitos gostam de chamar de ciência é mais vantajoso quando assumimos uma postura humilde e generosa. Humilde, porque é salutar considerarmos nossas noções sempre incompletas, aquém do que se pode dizer e, além disso, porque vejo ser fundamental nos colocarmos na posição de ouvintes atentos, que têm dificuldades para entender, mas não têm vergonha de perguntar e perguntar. Generosa, pois até mesmo nossas “burrices” resultam de importantes e sofisticados processos de reflexão. A generosidade tem a ver com estar disponível para trocar idéias, para conversar, especialmente, com quem pensa diferente, o que significa, a disposição para participar de uma comunidade, que podemos chamar de reflexiva. Ou seja, ser acadêmico, neste sentido, é estar disposto a discutir incessantemente sobre determinados assuntos que interessam não só a nós, mas também, seriamente a outras pessoas, com as

Revista Universitas Jus, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

quais, podemos dizer, terminamos por construir um círculo de encontros freqüentes e, dessa forma, pelo menos alguns acordos a respeito de algumas idéias e conceitos para tratar de nossos assuntos.

É interessante notar que, quanto mais intensa é nossa participação em um determinado círculo de discussão, mais sofisticada se tornará a nossa capacidade de tratar das questões em jogo. Não é raro, inclusive, que venhamos a sentir, de quando em quando, a necessidade de pontuar nossas diferenças em relação ao que dizem outros do nosso grupo. Assim, se de um lado ficamos cada vez mais espertos, ágeis, por conta da solidariedade com o nosso pessoal, por outro, é inevitável que construamos nossas próprias articulações sobre as questões que tanto discutimos. “Mas eu não penso exatamente assim!”, “O que quero dizer é...” Além dessas nossas altercações, verdadeiras disputas, não serem incomuns, é mais interessante ainda o fato de que, embora muitas vezes não consigamos um acordo geral sobre o que falamos, mesmo a quem de nós discorda ou preferisse colocar de modo diferente, o que dizemos é aceitável, ou seja, é tido por condicionalmente razoável pelo nosso grupo. É o indivíduo que se manifesta, é a reflexão original que se descortina.

Bem, até agora digo isso para pontuar algumas coisas fundamentais à construção da pesquisa na academia, em especial, a idéia de que a Monografia não é nenhum bicho de sete cabeças, mas uma atividade estimulante, não obstante, trabalhosa, intensa e necessariamente disciplinada. A primeira pergunta é: pesquisar sobre o quê? A boa escolha é sempre sobre o que se gosta de discutir. Não a conversa insensata, mas aquela que nos estimula porque além de nos interessarmos pelo assunto, nos encontramos racionalmente aptos para ingressar num círculo de discussão qualificado.

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

Para tanto, é condição fundamental que a linguagem necessária a entender e sermos entendidos nos seja possível. Ora, a relevância do que dizemos e a possibilidade de sermos ouvidos, de considerarem factível o que temos a dizer, depende disso. Afinal, são essas pessoas do círculo qualificado de discussão que julgarão, se o que dizemos faz ou não sentido e, portanto, se podemos ou não ser aceitos no grupo (FOUREZ, 1995; RORTY, 2002).

Esse grupo é sempre muito grande: a forte maioria das pessoas que se interessam diretamente ou não pelo que nos interessa dizer é provável que jamais conheçamos. De todo modo, a idéia é a de que nos dispomos a nos “colocarmos na roda”. Outra coisa importante é perceber que, mesmo que conhecêssemos muita gente, que tivéssemos um milhão de amigos, não dá para conversar com todo mundo ao mesmo tempo. Não apenas terminamos conversando mais com aqueles que nas enormes mesas de confraternização de fim de ano estão mais perto de nós como, tendo sorte, conseguimos nos sentar próximo às pessoas com quem nos sentimos mais à vontade. Doutra sorte, é sorte. Não apenas escolhemos com quem dialogar, mas terminamos por dialogar mais com quem temos a impressão de que irá nos falar sobre coisas das quais gostamos ou com as quais nos preocupamos.

Só que nem sempre o “mais legal” é a melhor companhia. Se a idéia é ingressar numa comunidade qualificada de discussão, as companhias, as pessoas com quem andamos, são importantes juízos para admissão. Dependendo, pode até rolar a “bola preta” do “conselho do clube”, minando, às vezes, definitivamente, um pedido de ingresso. Em nosso caso, o clube não é fechado, mas exigente. Tendo constituído um pequeno grupo, mas de pessoas reconhecidamente interessantes, que os iniciem os encontros, que sejam freqüentes, pois, no fim, o que vai importar, não é o que os parceiros

vêm dizendo, senão a maneira como se interpreta e se comunica de forma madura, o que se entendeu do debate; principalmente, o que, através dele, o sujeito diz, de modo aceitável para o “conselho”, sobre o ou os assuntos em pauta. Assim, não valem as opiniões vãs — pois, todos nós temos muitas sobre os mais variados assuntos. Valem apenas aquelas que frutificam de uma conduta razoável, quer dizer, de um exercício disciplinado de conversa, o qual fica sempre e obrigatoriamente explícito, com quem se está conversando. O clube acadêmico gosta e exige a seguinte forma: “Fulano (data) disse..., e isso permite pensar que... Entretanto, não é sem razão também supor... (Beltrano, DATA; Sicrano, DATA). De todo modo,...”. Ou melhor: “Schwarzeneger (DATA) acredita que a crise do republicanismo americano não se deve a seus princípios ideológicos, mas ao anacronismo das mentes conservadoras, especialmente do sul. Entretanto, há que se considerar que tais fundamentos e ou princípios aos quais ele se refere não são republicanos doutra banda: estão presentes como elementos basais do modo de ser americano (TOCQUEVILLE, DATA; JEFFERSON, DATA). Ora, esses princípios são constitutivos e encontram-se claramente presentes na Constituição americana”.

Enfim, do que se trata? Das afamadas referências bibliográficas. Nosso grupo, em sua maioria, são os livros, os artigos, constituído pelos autores dos textos os quais lemos, que anotamos, que fichamos.

Nesse ponto, é importante um excerto, que pode até soar como chover no que já está encharcado. Afinal, uma compreensão adequada desse tópico fundamental da pesquisa precisa derivar do que se entende por pesquisa. Para quem crê que suas certezas são verdadeiras, fortes, indubitáveis, para quem a pesquisa nada mais significa do que um discurso para justificá-las, as

referências bibliográficas nada mais significam do que uma retórica da confirmação; pior, da demonstração. Mais ainda, essas pessoas “felizes” acreditam que toda teoria esconde — e, talvez, seria melhor que não o fizesse — o caminho para tornar o mundo melhor, mais justo, mais ético etc. O livro, o artigo, o grande autor, apenas se torna imprescindível quando diz o que se gostaria de ouvir e, especialmente, quando ensina como dizer “o que tem de ser dito”, denotado pelo apreço por sumários que existem antes de argumentos, que preexistem às idéias e às reflexões. Por outro lado, quando isso não acontece, pululam as declarações do tipo “o assunto é absolutamente inédito”, “há pouca bibliografia”... E isso quando não acontecem coisas como, utilizar trechos desvirtuados de um contexto ou mesmo partes mal-compreendidas, porém “belas”, de um “autor importante”. Evidentemente, que estes últimos exemplos freqüentemente denunciam incompetências da parte do pesquisador. Contudo, denunciam também algo tão importante quanto: “não trago comigo opiniões, trago as verdades que aprendi de meus pais e meus mestres”. Não à toa, o costumeiro agradecimento a Deus, a papai e a mamãe. E não é que esses últimos não possam estar lá pelo apoio necessário aos estudos e ao seu prosseguimento, às vezes, só permitido por um árduo esforço familiar. Mas, a questão é que tal apelo vem muitas vezes atrelado às dimensões relativas ao absolutamente sagrado e moral. Dúvidas, inseguranças? Isso não existe neste ambiente.

Não há necessidade de diálogo quando não existem dúvidas. E a pesquisa, entre outras coisas não menos importantes, necessita, preme pelo diálogo, pela conversa, exatamente porque, dúvidas é a única coisa que não falta. A conversa nem precisa ser diretamente relacionada às dúvidas do pesquisador; é necessário, isso sim, que ela exista e seja freqüente. Muitas vezes, o mesmo encontro precisa acontecer várias vezes, sobre o mesmo

Revista Universitas Jus, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

assunto, mas com o grupo adequado, não necessariamente numeroso. Afinal, já devo ter deixado suspeitar, para mim não é fácil ter um milhão de amigos, nem conversar com todo mundo naquelas confraternizações de fim de ano. Quem diz que conversou com muita gente, indo detrás do púlpito, pelo rádio, pelos jornais etc., sempre acho que está mentindo. Eu sei com quem conversei. Se de fato é diálogo, ouço, respondo, reelaboro, sujeito-me às intuições (*insights*) que resultam do bate-papo, enfim, vou progressivamente construindo argumentos e, se as conversas forem realmente felizes, vou ficando cada vez mais distante das minhas intenções iniciais. Não porque chego a “descobertas”, mas porque descubro que minhas dúvidas, então, tornam-se maiores, e as razões para isso, consigo até identificar.

Tem gente cujo carinho para com o que acredita é tão superlativo, é tão inarredavelmente firme, que aos mais sensíveis comove bastante. Quem nunca se emocionou ao ver um ator, perfeitamente travestido em seu personagem, crendo em seu papel dramático, na tragédia de sua personagem? Por outro lado, é comum as pessoas sentirem seus corações preenchidos diante de discursos eloqüentes, de políticos, de religiosos, de pregadores, especialmente, os de boa oratória e carisma. Ainda que, como no grande ator, haja em todas essas pessoas certa dose de farsa, não importa. O essencial é que, nesses momentos, os espectadores se defrontam consigo mesmos, com o que gostariam ou crêem acreditar e, por isso, movimentam-se com a fé dos hebreus durante seus 40 anos de deserto.

Mas há, também, os, digamos, menos felizes. Os que vivem no espaço das dúvidas. E não se tratam apenas de dúvidas sobre o que as coisas significam. Inseguranças e fortes suspeitas recaem também sobre os valores mais profundos, não apenas sobre seu significado, mas também, sobre sua

relevância. Evidentemente, não se está falando aqui daqueles que matam, estupram, seqüestram, sabe-se lá, dos que todos concordaríamos serem psicopatas e, portanto, irremediavelmente desprovidos da capacidade de conviverem nas comunidades das quais fazem parte. O que se quer dizer aqui é dos que sentem dúvidas, dos que não vêem problemas morais em mudar de opinião, ainda que antes tenham efusivamente discursado, apresentando juízos, senão opostos, muitíssimos diferentes. Na verdade, tais indivíduos “menos felizes” têm verdadeiro despreço pela verdade.

Idealmente, são estes últimos daquela parte da população que possui a característica que se espera do pesquisador. Pois, acredita-se que tal maneira de ser indica não só desapego, a generosidade como abertura para descobertas, para novas formas de compreender um assunto, freqüentemente, muito comum e muito debatido. Voltando às referências bibliográficas, quem procura uma boa conversa não é apenas aquele que tem dúvidas e inseguranças, mas o que, no sentido acadêmico, é também humilde e generoso.

A QUALIFIED DIALOG: SOME NOTES ABOUT PRODUCING RESEARCH

Abstract

The research natural and mystery-free. At first, the subject or question to be studied is chosen and then, the gathering of a dialog group which helps us not only to think but to write in an academically intelligible and cautious way what interest us. Thus we offer our comprehension to whom awaits our research.

Key-words: Knowledge. Language. Research. Term paper.

Revista *Universitas Jus*, Brasília, vol. 17, jul./dez. 2008.

Referências

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERLIN, Isaiah. *Estudos sobre a humanidade*: uma antologia de ensaios. Henry Hardy; Roger Hausheer (Ed.). Rosaura Eichenberg (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O sentido de realidade*: estudos das idéias e de sua história. Henry Hardy (Ed.). Renato Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 2. ed. Paulo Neves (Trad.). São Paulo: M. Fontes, 1999.

_____. *Leçons de sociologie*. 2.ed. Paris: Quadrige; Presses Universitaires de France, 1995.

FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências*: introdução à filosofia e a ética das ciências. Luiz Paulo Rouanet (Trad.). São Paulo: Unesp, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1989.

_____. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Vera Mello Joscelyne (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1997.

POPPER, Karl. *A lógica das ciências sociais*. Brasília: UnB; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

RORTY, Richard. *Objetivismo, relativismo e verdade*. 2. ed. Marco Antônio Casanova. (Trad.) Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. v. 1.